

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO UBIRATÃ NASCENTES ALVES

05.NOV.1998

Imensa a satisfação em ser acolhido nesta Casa de reconhecidos e ilustrados integrantes. Esta incomum honra reveste-se no fato de encontrar neste Sodalício, onde se buscará beber a sabedoria que brota desde sua criação, na pessoa dos augustos membros, agora confrades. Devo inicialmente esclarecer que minhas palavras serão voltadas para uma conotação própria, sem longos e cansativos eruditismos de linguagem, que a par de mostrar a sapiência do orador, leva a plateia a ingerir uma plêiade de autores internacionais que jamais pisaram em solo tropical e ainda toda a cultura do além-mar. Voltar-me-ei principalmente aos limites destes rincões, destacando a cultura autóctone que brota desta terra, onde nascem nossos filhos e possivelmente irão nos guardar na eternidade. Destaque ainda, para os objetivos desta Academia de Letras e principais atividades.

O ser humano distingue-se dos outros animais pela capacidade de perpetuar suas ideias, não fora assim, continuaria a habitar cavernas, as selvas, ou talvez nem mais existisse. Dois eventos foram fundamentais para que deixasse a barbárie.

Primeiro, o tocante a sua fixação ao solo, permitindo que não apenas os vegetais criassem raízes, passando, assim, de um mero coletor, a produtor dos alimentos básicos.

Segundo, foi registrar por meios físicos, o fruto do conhecimento recém-adquirido, passando de mero transmissor oral de usos e costumes, a criador, desta feita pela escrita.

Ao primeiro deu-se o nome de agricultura, ao segundo, de cultura. Um como o outro, campos férteis, de onde com talento e trabalho, brotam generosos frutos. Esta é uma Casa onde se cultua a palavra. Platão, o grande filósofo grego e fundador da primeira academia, nada seria sem Sócrates, seu mestre e amigo, por outro lado, Sócrates nada seria sem Platão, posto que este foi o responsável por coligir, anotar e dar corpo aos pensamentos socráticos, já que este, em vida, jamais registrou, a não ser na mente dos discípulos, os ensinamentos.

Voltando agora nossos olhos para os céus, de onde recebemos tudo que nos impulsiona, vemos que o Filho na passagem terrena, jamais registrou, a não ser na alma dos apóstolos, os fundamentos religiosos lavrado pelos evangelistas. O Pai, - detentor de todo o saber - , 1.200 anos antes do nascimento do filho, quando desejou que tivéssemos algo que pautasse nossas vidas, e que, portanto, por todos fosse conhecido, fez com que Moisés descesse do Monte Sinai portando algo escrito - as Tábuas da Lei, sendo este o primeiro registro que se tem notícia da expressa vontade de Deus.

“FIAT LUX !”

Seguindo o rito tradicional para encaminhamento de solenidades desta natureza, permita-se, antes, esclarecer a imortalidade.

Segundo a concepção acadêmica, refere-se à circunstância de conforme a melhor tradição haver sempre reverência ao patrono da cadeira, bem como aos anteriores ocupantes. Neste intuito, desejo atender não apenas quanto aos marcantes irmãos que tiveram assento nesta cadeira, mas igualmente, o surgimento desta casa, seus objetivos na forma estatutária, de maneira concisa, para explicar à esta distinta plateia.

Com o advento da navegação do Rio Paraguai, na segunda metade do século XIX, experimentou esta Província um surto desenvolvimentista, no aporte de capital, máquinas e sobretudo novas ideias. O ensino primário, de então, começava a frutificar através, mais tarde, da criação do Seminário da Conceição e do Liceu Cuiabano, sim, outro igualmente existira na antiga Grécia. Surgia um grupo de pensadores, jovens que retornavam com desejo de fomentar conhecimento, se ocupar no estudo e valores da realidade local.

Em 1919, esta plêiade criou o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, visando preservar a documentação histórica regional. Logo após, em 7 de setembro de 1921,

foi criado o Centro Matogrossense de Letras, formado por um grupo de 12 intelectuais, depois ampliado para 40 membros. Presidiu-A Dom Francisco de Aquino Corrêa, nos quadros o reconhecido historiador Estevão de Mendonça, dentre outros significantes valores.

Estes sócios fundadores escolhem os Patronos para estas iniciais vagas. A Cadeira nº 1 teria como Patrono um exemplar paradigma, notável pessoa de José Barbosa de Sá. Nasceu em Portugal, onde formou-se em Direito. Vindo formado para as Minas do Cuiabá, aqui chegou quando o povoamento ganhava impulso. Sobressai em sua preciosa obra a crônica “Relação das povoações do Cuiabá e Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos”, cujo valor leva a ser considerada fundamental no estudo da nossa historiografia.

Um parêntesis – segundo Aurélio Buarque, crônica é uma narração histórica, por ordem cronológica. Conforme Antenor Nascentes, é narração minuciosa, segundo a ordem cronológica, de fatos importantes, relativos a um soberano, a uma dinastia, a um país.

Em 1745, elaborou um relatório sobre as missões espanholas no vale do rio Guaporé, atento aos interesses de vigilância da fronteira oeste. Brotou de sua pena os “Anais do Senado da Câmara”, até o ano de 1765. Igualmente produziu “Diálogos Geográficos, Cronológicos, Políticos e Naturais”, elaborado no ano de 1769.

Leônidas Antero de Matos, segundo ocupante da Cadeira nº 1, estudioso da vida e obra do comum patrono, José Barbosa de Sá, fez registrar: “Podemos afirmar com razão, que as letras ainda constituem o índice das atividades vitais de um povo, e que a literatura ainda é o melhor espelho de sua cultura e de sua grandeza.”

Estão aí para comprovar o acerto de nossa afirmativa, a vida e a obra de um homem de letras, ligadas indissolúvelmente à própria história da uma terra adotiva. Do esplendor ou mesmo o infortúnio de seus bravos fundadores, às provações ou das glórias, um ciclo remoto, mas sobretudo épico, de sua existência e no qual resplandece em toda plenitude a energia indômita da raça.

Quero referir-me a José Barbosa de Sá, mui justamente cognominado o primeiro cronista cuiabano e Patrono da Cadeira nº 1 do Centro Matogrossense de Letras, a qual hoje tenho a honra imerecida de ocupar.

Através da sua obra paciente é que podemos reconstituir todo um período da agitada fundação da terra cuiabana, recompondo os cenários rudes e por vezes avassalantes dentro dos quais se agitaram, sonharam e sofreram os nossos pioneiros desbravadores.

Culmina a fase épica das conquistas.

Bruta pátria, no berço entre selvas dormidas, no virginal pudor das primitivas eras, mal compreendendo o anseio do mundo por nascer que trazia no seio como cantava a musa harmoniosa de Bilac, oferecia as primícias de sua virgindade aos violadores de sertões, que iam à cata de ouro e dos índios.

Enquanto a raça audaz e forte fundava povoações, fazia germinar as colheitas e se entregava, quase que exclusivamente, à dura faina da mineração, aqui e ali raríssimos davam-se ao trabalho paciente de registrar os acontecimentos que sucederiam legando à posteridade, com os manuscritos, um atestado, ligeiro sequer, para registrar a cultura intelectual da época.

Dentre estes o licenciado José Barbosa de Sá.

O primeiro ocupante da cadeira nº 1 – Manuel Paes de Oliveira, filho do coronel José Sabo Alves de Oliveira e Sra. Francelina Paes de Oliveira, nasceu na cidade de Cáceres em 11 de julho de 1885. Concluiu os estudos iniciais em Mato Grosso, foi para o Rio de Janeiro, onde graduou-se em Direito pela Faculdade Federal.

Fora de Mato Grosso, desempenhou várias funções públicas: escriturário da fazenda, administrador da mesa de rendas de Macaé, oficial de gabinete do Ministro da Fazenda, delegado fiscal no Paraná.

Em Mato Grosso, foi chefe de polícia, exerceu a destacada função como secretário do interior, justiça e fazenda, também eleito deputado estadual.

Participou de várias associações: Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, Sociedade Literária do Colégio Militar. Fundou, sendo ainda o primeiro presidente, o Grêmio Literário da Faculdade do Liceu de Ciências Jurídicas do RJ.

Ante as lides jornalísticas, foi redator e colaborador nos seguintes periódicos: “A Aspiração”, produzido pelo Colégio Militar, “A Época”, da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, “A Nova Época” de Cuiabá, “Correio da Manhã”, “O Paiz”, “Jornal do Comércio”, “Jornal do Brasil”. No Estado, “O Mato Grosso” e “A Cruz”.

O segundo ocupante da cadeira foi Leônidas Antero de Matos, nascido em Cuiabá a 28 de fevereiro de 1894, filho do general Antero Aprígio Gualberto de Matos e da Sra. Francisca de Figueiredo Matos.

Terminou o curso ginásial e secundário no Liceu Salesiano de Cuiabá. Estudou música e acompanhado de sua lira, elaborava peças literárias. As primeiras produções tiveram origem no Grêmio Literário “Álvares de Azevedo”, com reuniões familiares, de amigos, assembleias literárias; suas inesquecíveis tertúlias.

Concluída a formação inicial, deixou a terra natal, indo para o sul do país, concretizando o desejo de formar-se em Direito, colando grau na Faculdade de Porto Alegre.

Sobre suas incomuns qualidades, registrou Ulisses Cuiabano:

“Desde os bancos ginásiais do Liceu Salesiano desta cidade, onde completou o curso secundário, Leônidas de Matos dedilhava a lira, e cantava. Datam dessa época as harmoniosas estrofes de acentuado sabor lírico, publicadas pelos autos das saudosas tertúlias do Grêmio Literário Álvares de Azevedo, formado por elementos dedicados dos dois liceus de Cuiabá, dos incipientes literatos contemporâneos.”

No governo Mário Corrêa, veio o poeta para sua terra, a fim de desempenhar o elevado cargo de chefe de polícia. Mais tarde, no governo interventorial de Antunes Maciel, foi Leônidas de Matos nomeado secretário geral do estado (1931-1932), sendo em 1932 designado para a suprema curul, ocupando a interventoria até 1934. Como chefe de governo estadual, assistiu, tomando parte ativa, a um dos mais agitados movimentos políticos de nossa terra, daqui se retirando para a capital da república (RJ), repleto de desilusões.

Ocupou a Cadeira 11 do precursor Centro Matogrossense de Letras, atualmente é a nº 1 da Academia Mato-Grossense de Letras, cujo Patrono como sabido é Barbosa de Sá.

Leônidas Antero de Matos era também associado ao Grêmio Literário Álvares de Azevedo. Veio a falecer o poeta em 8 de abril de 1936 – saliente-se ... aniversário de Cuiabá.

Benjamim Duarte Monteiro, foi o ilustre terceiro ocupante da Cadeira, nasceu nesta cidade em 31 de agosto de 1908, filho do Sr. João do Lago Monteiro e da Sra. Antonina Duarte Monteiro.

Fato comum, naquela época, os pais mandavam os filhos estudar, sobretudo na capital carioca, que exercia forte atração sobre a gente desta terra. Nessa cidade diplomou-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro em 1.932.

Exerceu, depois, na sua vida profissional inúmeros cargos destacados, dentre os quais podemos salientar:

1. Promotor de Justiça da comarca de Cuiabá, assumindo o cargo em 11 de janeiro de 1933. Ainda nesse ano;

- Foi nomeado professor da Faculdade Estadual de Direito de Cuiabá.

- Diretor da Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso.

- Membro do Conselho Penitenciário do Estado.

Em 1934 ...

- Foi eleito Presidente da Associação de Imprensa Matogrossense.

- Professor da Faculdade Estadual de Direito, lecionando a disciplina Direito Penal.

- Eleito Deputado da Assembleia Legislativa do Estado.

Em 1935 ...

- Membro do Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil, seção de Mato Grosso.

- Eleito Presidente do Conselho da Ordem dos Advogados.

- Eleito membro da comissão especial encarregada de elaborar o projeto de Constituição do Estado, sendo escolhido seu relator.

- Líder da bancada da maioria da Assembleia Legislativa Estadual.

Em 1937 ...

- Posse na Cadeira nº 1 da Academia Matogrossense de Letras, saudado pelo Desembargador José Barnabé de Mesquita, presidente da Casa.

Em 1942 ...

- Eleito membro do Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil - Mato Grosso.

Em 1944 ...

- Assumiu o cargo de Chefe da 6ª Inspetoria Regional do Serviço de Proteção aos Índios, atendendo honrosos e insistentes pedidos do indigenista marechal Cândido Mariano da Silva Rondon.

Em 1946 ...

- Eleito novamente para o conselho da Ordem dos Advogados do Brasil – MT

Em 1947 ...

- Posse no cargo de Juiz Substituto do Tribunal Regional Eleitoral do Estado.

Em 1948 ...

- Eleito Presidente de Honra da Associação de Imprensa Matogrossense.

Em 1949 ...

- Eleito membro do Conselho Técnico de Assistência aos Menores.

Em 1950 ...

- Nomeado Juiz Efetivo do Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso.

Em 1954 ...

- Assumiu a Inspetoria de Ensino ante o Liceu Salesiano São Gonçalo de Cuiabá.

Em 1956 ...

- Assumiu o cargo de Procurador Geral de Justiça do Estado. - Representante do governo junto à Legião Brasileira De Assistência – LBA

Em 1963 ...

- Professor da cadeira de Direito Judiciário Civil da Faculdade de Cuiabá.

Em 1965 ...

- Professor da cadeira de Direito Administrativo da Faculdade de Cuiabá.

Em 1966 ...

- Nomeado Procurador Geral de Justiça.

- Nomeado Conselheiro do Tribunal de Contas.

Em 1968 ...

- Eleito Vice-Presidente do Tribunal de Contas.

Em 1973 ...

- Posse no cargo de Presidente do Tribunal de Contas do Estado, sendo este seu derradeiro cargo.

Seus trabalhos jurídicos, foram memoriais, e também pareceres publicados nos Anais Forenses de Mato Grosso e ainda na Revista dos Tribunais de São Paulo. Escreveu também inúmeros artigos e crônicas em vários outros periódicos. Foi também, correspondente do periódico “O Jornal”, do Rio de Janeiro e da Agência Meridional.

Veio a falecer em 19 de julho de 1996, deixando viúva a Sra. Ana Augusta Oliveira Monteiro.

Finda a citação ao ocupantes, é oportuno salientar que esta Academia de Letras, conforme os estatutos, é uma associação com finalidade exclusivamente literária e cultural, com personalidade jurídica e duração ilimitada. Sendo objetivos da mesma:

- O culto ao idioma nacional e das literaturas nacional e estadual;
- Estudo dos problemas de interesse cultural que preocupam o mundo contemporâneo;
- Congraçamento e aproximação entre representantes da cultura nacional e estadual.

Para melhor desempenho dos objetivos poderá:

- Estabelecer relações de intercâmbio com entidades culturais do país e do exterior;
- Promover e participar de conferências, simpósios, seminários, congressos e palestras ligadas à sua finalidade;
- Editar boletins e uma revista;
- Incentivar e auxiliar a publicação de trabalhos e livros de autores mato-grossenses e fomentar o desenvolvimento das artes, em suas diversas manifestações.

Oportuno evidenciar-se que é filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil, sendo composta de quarenta cadeiras, cujos Patronos foram escolhidos entre os que se notabilizaram por relevantes trabalhos intelectuais produzidos no Estado.

Neste espectro que hoje se abre, efetivamente sinto-me amparado e congado aos seus integrantes, verdadeiros confrades. Como pude perceber, a cordialidade é uma tônica na Casa. Identifico-me com seus integrantes, e agora, após descortinar a história dos meus antecessores, maior a identidade para com este Sodalício.

Longe de me aproximar do Patrono, pioneiro na historiografia regional, noto estar trilhando o caminho acertado. Tive a oportunidade de, no trabalho inicial, ser orientado por um historiador de renome, como Rubens de Mendonça, e pelo saudoso Padre Raimundo Pombo, que me incentivaram a escrever “Mato Grosso em História”, monografia premiada em concurso levado a termo pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado.

Segui, depois, motivado, na difícil e silenciosa tarefa de escrever, como é natural o que estava ao meu alcance. Assim, realizando um exercício seguindo os conselhos dos que acima mencionei. Mais, ainda cedo, pude e tive o privilégio de conviver frente a pessoas voltadas para as letras.

Pelo lado paterno, a professora Amélia de Arruda Lobo, depois Alves, mato-grossense de boa cepa, formou com dedicação e carinho seguidas gerações de jovens. Ateve-se também em registrar a história de nossas raízes em seu livro, “O Município de Cuiabá”. Entre outros trabalhos literários, participou junto de suas irmãs da revista, marcante de época, “A Violeta”.

Quanto ao lado materno, o professor Antenor Nascentes, etimologista e gramático, responsável pelo Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, adotado como léxico da Academia Brasileira de Letras, ante a falta de obra acadêmica sobre o idioma nacional.

Em seus saraus, no Rio de Janeiro, pontificavam grandes nomes da literatura. Recordo, dentre outros nomes, Serafim Silva, Carlos Drummond e o grande Manuel Bandeira. Gostava de recitar para os pequenos o seu “Rondó de Cavalinhos”, mas fazia-se zangado quando pedíamos o “Vulgívaga”, que ele, dizia, “ainda não era para o nosso bico”.

Escrevi, inicialmente, artigos para o jornal “O Pioneiro” editado pela Assembleia Legislativa Estadual, salientando falhas dos governos em todos níveis. Nesse jornal, promovido pelo professor Oswaldo Sobrinho, fui bordoando tropeços de suas condutas e das instituições ligadas à máquina do poder. Assim foram os meus artigos, como o de uma visita presidencial à Cáceres, “O Ocaso do BNH” e a “Trajetória dos Combustíveis”, com o pseudônimo “A Pena Maldita”.

Nessa época, tive a oportunidade de conhecer a pessoa do hoje confrade, vibrante orador, defensor e amante da natureza o ilustre poeta, Sebastião Carlos Gomes de Carvalho, “a voz que não se cala”.

Concluindo curso de pós-graduação na Escola Interamericana de Administração Pública, visitei inúmeros países da América Latina e tornei-me correspondente de institutos culturais no Peru, Equador, Colômbia e Costa Rica.

A exemplo dos antecessores nesta cadeira, trilhava inconsciente o caminho certo. Logo adiante, entendendo insuficiente o curso de administração, e acreditando que havia muito mais além desse primeiro horizonte, após analisar a formação de tantos familiares, engajei-me no curso de Direito e após exame de Ordem, tornei-me advogado, tal como todos os demais ocupantes desta atraente cadeira.

Curiosamente cruzei caminho com Manuel Pais de Oliveira, primeiro ocupante, na Sociedade Literária do Colégio Militar do Rio de Janeiro, havendo participado de suas atividades e colocando no “1º Festival de Música Popular” do mesmo colégio, duas músicas “O Poeta e a Poesia” e “Meu Rio Cantador”, ambas classificadas.

Quanto ao segundo ocupante, além da formação acadêmica, de lira pouco entendo, mas considero-me grande apreciador das tertúlias e ainda hoje é possível que se tenha uma outra, na versão atual, em forma de seresta.

Benjamin Duarte Monteiro, além de igualmente cuiabano de nascimento, professor universitário em matéria penal e administrativa, escreveu-se artigos para jornais. Marcou distintamente o fato dele ser integrante do Conselho Técnico de Assistência aos Menores, vez que fui membro fundador do conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. Havendo neste tópico publicado meu terceiro trabalho o “Manual Prático para Adoção e Medidas de Proteção”, com vendagem de nível nacional. Esgotada a primeira edição, a seguinte, revisada e ampliada, será publicada agora, na condição de Acadêmico.

Quanto a estas regimentais alusões aos nobres ocupantes da Cadeira em tempos de outrora, onde reside a imortalidade acadêmica, contrista-me o fato de já perceber que um dia aqui também serei lembrado.

Importante, contudo, é a imortalidade das ideias. É estar nas nuvens e ainda ficar vivo, não importa quanto tempo, na vida válido é sonhar. Registrou certo autor desconhecido “transforme seus sonhos em realidade e depois sonhe mais, para ter sempre o que realizar.”

Invertida a ordem, devido a pertinência, desejo lembrar a segunda publicação que realizei, serviu de escada para o patamar seguinte. Sistemática e mecânicamente elaborado sem a ferramenta do computador, impondo seguidas e cansativas alterações junto à gráfica, quase me levou a mudar de profissão. O “Livro de Autoridades do Poder Judiciário” foi elaborado conforme a emergente organização judiciária advinda com a nova Constituição

Federal de 1988. Belo exercício de perseverança e dedicação através da qual procurei brindar o fidalgo Presidente do Tribunal de Justiça, a despojada pessoa do Des. Odiles Freitas Souza. Apresentou esta publicação o mestre-confrade que me ensinou a grandeza do Direito, através da filosofia, na leitura de obras consagradas como “A Luta pelo Direito”, de Rudolf von Ihering, que esta noite profere o discurso de recepção ...

O Acadêmico Leopoldino Marques do Amaral, que em recente artigo sobre a “reeleição”, aproveitou para fomentar as ideias, vez que impera a vasta falta de informação. É triste ver o nome de Pelé como candidato aceito ao papado, Godzilla como Ministro russo, D. Eutanásia candidata à Presidência da República, conforme divulga uma rádio em consulta ao povo. Obscurantismo fomentado, para domínio exploração, ensejando o surgimento do que denomino autocolonialismo. Uma minoria exercendo sobre todos os demais cidadãos, exploração de toda monta, são pacotes, aumentos e criação de impostos. sem nunca perceber-se efetivamente o resultado positivo de tais medidas.

Serve a palavra também para expressar nossa preocupação com os rumos que estão sendo delineados para as nossas políticas. No “Dia Nacional da Cultura”, marca o nascimento de Ruy Barbosa, vemos o tanto que falta para tornar acessível a todos esse indicador de qualidade de vida.

Minha esperança reside na justiça e nos seus colaboradores, pois, diante dos oceanos de arbitrariedades que diuturnamente vivencia-se, apenas esta nos pode salvar. Acredito mais na força das leis, desempenhada por meio da tutela nascedoura dos jovens magistrados, que através de suas corajosas decisões hão de impor a justiça. Dentre estes, posso citar a pessoa de Rui Ramos Ribeiro, que seguramente há de em breve ocupar uma cadeira no egrégio Tribunal Estadual. Na Procuradoria de Justiça o nobre Dr. Nivaldo Fernandes de Moraes, e o verdadeiro promotor de justiça, Dr. Vivaldino Ferreira de Oliveira.

Arrematando, desejo agradecer aos que, nos dias iniciais, me trouxeram o apoio necessário para chegar a este ponto, a pessoa do Dr. Edgard Humberto Alves, Dr. Bento Machado Lobo, grande líder da alcateia, ainda ao professor Osvaldo de Oliveira Fortes, secretário de planejamento do Estado por inúmeras vezes.

Especiais agradecimentos por tudo, a meu pai, José Maria Alves Neto; minha mãe Therezinha Nascentes Alves, à minha esposa, Vera e aos meus filhos, Irapuã e Inajá. lembrando aos nossos, que sentado nesta Cadeira, a todos represento.

Melhor que não tenhamos na defesa de nosso ideário, como Sócrates, de provar a cicuta amarga, mas, se este for a trilha do destino? Afinal, de nada vale a eternidade para a gélida rocha bruta, que, apesar de não experimentar a menor fração de tristeza, estará também condenada a desconhecer o doce sabor da vitória. Neste diapasão aporto aos umbrais desta Casa, vindo com humildade para somar, sob aos riscos inerentes da ousadia saudável, trazendo o firme propósito de seguir produzindo, doravante, sob a influência benéfica dos ares deste augusto templo e de seus fúlgidos integrantes. Sem peder de vista a perspectiva de trabalhar, no âmbito interno da Instituição, nas singulares formas que se apresentarem, com energia e determinação em prol desta notável Academia estadual de Letras, que hoje garbosa me acolhe.

Eis que vem soando em meus ouvidos, a legenda sagrada deste Sodalício, como diretriz a seguir.

Pulchritudinis Studium Habentes

Os Estudiosos da Beleza

Muito obrigado.